

Data: 25.03.2020

Título: "Temos capacidade para 300 testes diários, que podem ser multiplicados"

Pub: **JORNAL DE**  
**negócios**

**QuickCom**  
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Economia

Pág: 14

## PRIMEIRA LINHA **COVID-19**

### **MARIA MANUEL MOTA INVESTIGADORA**

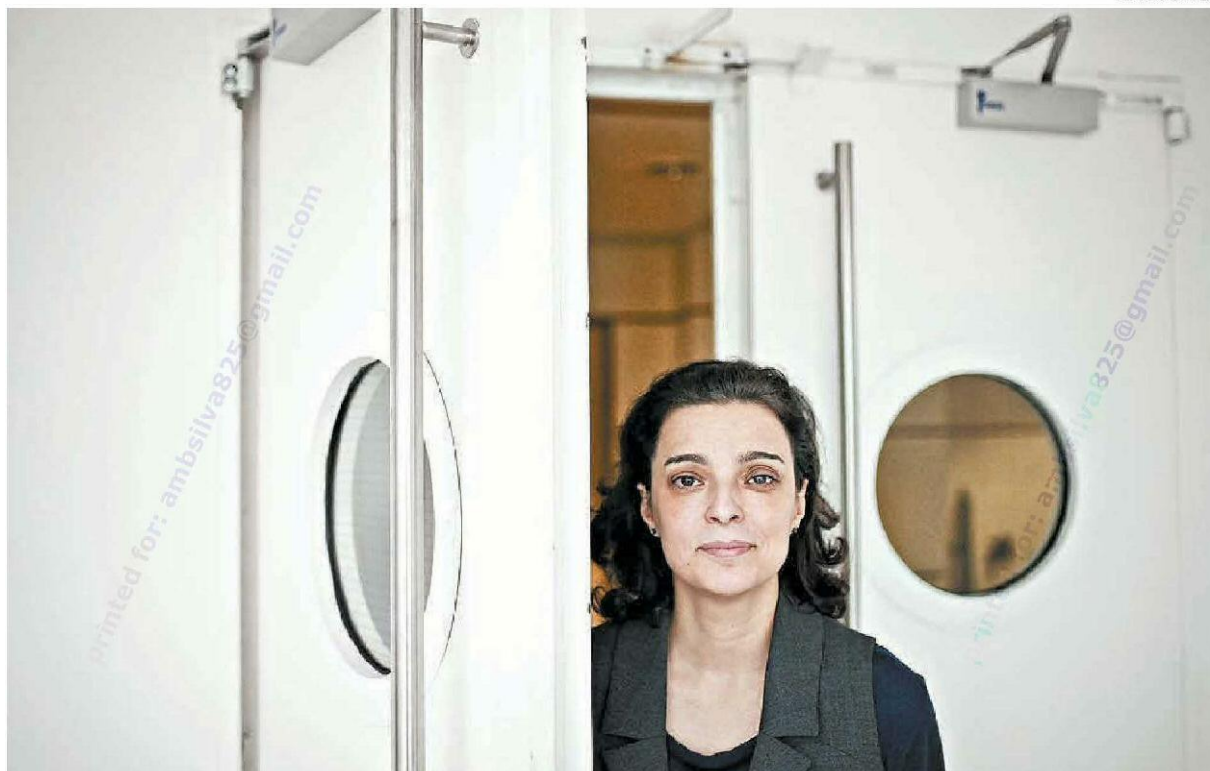
# “Temos capacidade para 300 testes diários, que podem ser multiplicados”

O novo “kit” português para diagnosticar covid-19 está a ser desenvolvido por uma equipa do Instituto de Medicina Molecular da Universidade de Lisboa. “Fizemos uma adaptação daquilo que a OMS e o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) americano propõem como protocolo”.

**LÚCIA CRESPO**

lcrespo@negocios.pt

Bruno Simão



Área: 700cm<sup>2</sup>/ 74%

FOTO Titragem: 16.981

Cores: 4 Cores

ID: 6782553

**O** Instituto de Medicina Molecular (IMM) da Universidade de Lisboa está a desenvolver testes para diagnosticar o novo coronavírus, avançou o Público. Este “kit” de diagnóstico português utiliza reagentes fabricados no país e está à espera de validação final do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge. Em breve, o IMM espera realizar 300 testes por dia, prevendo alcançar depois a fasquia dos mil testes diários, confirmou, ao Negócios, Maria Manuel Mota, diretora do IMM.

### Os novos testes de diagnóstico já estão totalmente validados?

O nosso teste já foi certificado pelo Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge, mas falta uma validação final - e essencial - e que passa por nós fazermos 10 amostras e eles (no Instituto) também fazerem essas 10 amostras e termos exatamente o mesmo resultado. Estamos a fazer isso entre hoje (terça-feira) e amanhã (quarta-feira). Achamos que tudo vai funcionar, mas é preciso alguma cautela. As pessoas querem tanto ter notícias positivas que, claro, agarram-se ao que de positivo ouvem, é normal, mas as validações em ciência são mesmo muito importantes.

### Há uma equipa multidisciplinar a trabalhar nestes testes? E são todos voluntários do IMM?

São todos cientistas voluntários do IMM. Foi reunida uma equipa, em que alguns investigadores fazem o “check-in” das amostras, outros abrem a amostra e “desvitalizam” o vírus (são aqueles que estão mais expostos, ainda que estejam

bem protegidos, claro) e outros cientistas dedicam-se à extração do material genético do vírus.

### Existe uma colaboração com equipas estrangeiras?

Neste caso, não, mas não estamos a reinventar a roda. A nossa preocupação foi dar reposta ao problema relacionado com a falta de reagentes, que teriam de vir de fora. Pensámos então: e que tal utilizarmos a mesma receita - ou seja, o mesmo protocolo científico -, mas com reagentes que possamos produzir em Portugal? No fundo, é disto que se trata. Estamos a utilizar o conhecimento de cientistas, a estudar o protocolo e a desenhar esse protocolo com reagentes portugueses, adaptando a receita com o que temos em casa. Fizemos uma adaptação daquilo que a OMS e o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) americano propõem como protocolo.

### Que quantidade de testes estimam produzir?

Temos a capacidade para fazer 300 testes por dia, quantidade que depois poderá ser facilmente multiplicada.

### Para ampliar essa capacidade, pretendem colaborar com outros institutos?

Sem dúvida. Já existe uma enorme colaboração com muitos institutos na zona de Lisboa, Coimbra, Porto, Braga, Algarve, Aveiro..., estamos em comunicação. Tenho tido contacto com todos e todos, provavelmente, poderão fazer este protocolo ou até outros muito parecidos. No fundo, nós fomos os primeiros a “acabar”, faltando a validação final, mas estamos em comunicação uns com os outros. Tudo será partilhado e só ainda não foi, precisamente, por estarmos à espera da tal validação final. Estamos a escrever tudo, detalhe por detalhe, para enviarmos a todas as instituições científicas.

### Estão a adotar a mesma tecnologia que utilizam para investigar o parasita da malária?

A tecnologia é muito parecida. A pessoa que está a liderar a equipa, a cientista-sénior Vanessa Zuzarte-Luís, tem trabalhado comigo na área da malária e utiliza esta tecnologia há mais de dez anos. E foi ela que criou toda a equipa à sua volta. Eu “só” dei o mote - na verdade, estou a respeitar o meu isolamento, não saio de casa, não trabalho na bancada, quem está a fazer o trabalho diário é a equipa liderada pela Vanessa. Ela fez-se rodear por pessoas ótimas, multidisciplinares, como, por exemplo, o Miguel Prudêncio, que está a desenvolver uma vacina contra a

**“A preocupação foi dar reposta à falta de reagentes, que teriam de vir de fora. Pensámos então: e que tal usarmos o mesmo protocolo científico, mas com reagentes que possamos produzir em Portugal?”**

Data: 25.03.2020

Título: "Temos capacidade para 300 testes diários, que podem ser multiplicados"

Pub: JORNAL DE  
**negócios**

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Economia

Pág: 14



malária, mas também está a ajudar esta equipa. Temos realmente uma visão muito pragmática: não vamos reinventar a roda, vamos pegar na receita que sabemos que funciona e adaptá-la àquilo que temos disponível.

**Enquanto cientista, como olha para tudo o que está a**

**acontecer?**

É incrível! As ideias, são às centenas, toda a gente quer ajudar e toda a gente quer fazer, não somos apenas nós, há muitas outras equipas a ter outras ideias, já a pensar na próxima fase, e estamos em contacto com equipas no estrangeiro para todos termos ferramentas e ultrapassar esta crise. ■

Área: 700cm<sup>2</sup> / 74%

FOTO Titagem: 16.981

Cores: 4 Cores

ID: 6782553